

1

UM LUGAR IMPREVISÍVEL PARA COMEÇAR

(De *A Mansão Minúscula de Myra Malone*, 2015)

Era uma vez uma casa.

Agora, antes de continuarem a ler, parem por um momento. Respirem fundo, se forem dados a essas coisas, e pensem. Quero que visitem o lugar que lhes veio à cabeça quando leram estas palavras, porque eram as que abriam quase todas as histórias que eu ouvia quando era criança. E, se vão passar algum tempo aqui com a Mansão Minúscula, estas palavras são um lugar tão bom para começar como qualquer outro. *Era uma vez uma casa.*

Que tipo de casa veem quando fecham os olhos? Quantas divisões tem e o que é que cada uma guarda? Se vivessem nessa casa, onde dormiriam, de que cor seriam as toalhas para as visitas e como tomariam o vosso chá? Que música ecoaria contra as paredes? E sai de uma aparelhagem a estéreo moderna ou de uma velha vitrola?

Se são daquelas pessoas que gostam de contos de fadas, talvez tenham imaginado uma pequena casa de pedra com uma porta da frente estreita e em arco: teriam de se baixar para não baterem com a cabeça na aduela, e, se olharem com atenção, talvez vejam uma pequena moosa na parte de cima da madeira em curva onde isso já aconteceu a inúmeros visitantes. Talvez seja por isso que há um

confortável cadeirão de capitonê logo à entrada, para que se possam sentar e esfregar o cocuruto por um bocado enquanto olham em volta.

Ou talvez os contos de fadas não sejam a vossa praia. Não faz mal. A minha amiga Gwen também não é nada dada a bolachinhas caseiras e naperons e a casa na cabeça dela é uma coisa de vidro com vista para o mar, tudo superfícies lisas e luz, como a Fortaleza da Solidão do Super-Homem, mas com bastante mais *Prada* e rapazes das piscinas. Além disso, por alguma razão, a Gwen tem um golfinho como animal de estimação? Deixem-se levar. Toda a gente pode imaginar as suas próprias paredes e as maravilhas que guardam sem ter de pensar em como limpar a seco cocó de golfinho caído em pele italiana. (Não, também não sei porque é que ela deixa o golfinho no sofá, mas não estou aqui para julgar ninguém.)

Enfim. Seja como for a vossa casa — onde quer que tenham sonhado passar a vossa história de encantar — é vossa porque é assim que a fazem. Podem escolher a mobília e as obras de arte, as canecas empilhadas nos armários, os puxadores que usam para os abrir, porque a imaginação é vossa e esse é o vosso único limite.

E o meu também, só que eu posso fazer algo mais: posso transformar a minha em realidade.

Creio que algumas pessoas também têm esta capacidade, além de dinheiro e tempo sem fim para dar forma aos seus sonhos, que é coisa que eu não tenho. O que eu tenho é uma casa minúscula que também é muito, muito grande. Uma mansão, na verdade. *A Mansão*. (Fica zangada quando não a escrevo com inicial maiúscula.) E a *Mansão* é uma tela para um tipo de arte muito particular. É uma galeria de pequenos sonhos: alguns meus, alguns herdados, alguns generosamente partilhados comigo por amigos e família e pessoas como vocês que me estão a ler. E eu posso usar esses sonhos para povoar o mundo inteiro. Posso fazer uma pequena casa de banho com uma banheira com pés de garra e espuma do mar ou